

As ideias (*de ideis*)¹

Agostinho de Hipona

Tradução: Moacyr Novaes

¹ Augustinus, *De diversis quaestionibus octoginta tribus* (q. XLVI). A. Mutzenbecher (ed.), *Corpus Christianorum Series Latina* (CCSL) 44A.

discurso 40

1. As ideias, segundo consta, foi Platão quem primeiro denominou. Ainda que o nome não existisse antes de Platão o instituir, nem por isso as coisas mesmas que chamou de ideias não existiam ou não eram conhecidas pela inteligência de ninguém. Talvez fossem designadas por uns com um nome, por outros com outro, pois é lícito atribuir um nome qualquer a uma coisa conhecida que não tenha nome usual. Com efeito, não é verossímil que não existissem sábios antes de Platão ou que eles não tivessem inteligência destas coisas que, como se diz, Platão chamou de ideias, o que quer que elas sejam, pois são tão importantes que ninguém pode ser sábio sem delas ter inteligência. É de se acreditar também que houvesse sábios em outros povos além da Grécia, o que também o próprio Platão não apenas bem atestou ao viajar para aperfeiçoar sua sabedoria, como também registrou em seus livros. Portanto, quem quer que tenham sido, não podemos supor que ignorassem as ideias, mesmo que talvez as chamassem com outro nome. Mas basta de falar do nome. Vejamos a coisa, que deve mais que tudo merecer atenção e ser conhecida, de modo que cada um denomine como quiser a coisa que já conhece, segundo o valor dos vocábulos constituídos.

2. Ideias podemos exprimir em latim como formas ou espécies, se quisermos verter literalmente. Se as chamarmos de razões, nos afastaremos da tradução exata, pois razões se denominam em grego λόγοι e não ideias. Mas quem quiser usar esse vocábulo não se desviará da coisa mesma. Com efeito, as ideias são certas formas ou razões principais das coisas, estáveis e imutáveis, que não são formadas e por isso são eternas e se mantêm sempre do mesmo modo, contidas na inteligência divina. E embora não nasçam nem morram, dizemos que segundo elas é formado tudo que pode nascer e morrer e tudo que nasce e morre.

Contudo, nega-se que a alma possa vê-las, salvo a alma racional com a parte em que se sobressai, isto é, com a mente mesma ou razão, como se com uma face ou olho seu, interior e inteligível. E a rigor nem toda e qualquer alma racional é declarada idonea para

aquela visão, mas aquela que for santa e pura, isto é, aquela que mantiver são, sem mancha e semelhante às coisas que pretende ver, o mesmo olho pelo qual se veem estas coisas. Quem, religioso e imbuído na verdadeira religião, embora ainda não possa vê-las, ousará negar ou não reconhecerá que tudo o que existe (isto é, tudo o que está contido no seu gênero segundo certa natureza própria) para existir foi criado, sendo Deus o autor? E que pelo mesmo autor vive tudo quanto vive? E que são contidas e governadas pelas leis do supremo Deus a imutabilidade universal das coisas e a mesma ordem na qual as coisas mutáveis se lançam em seus cursos temporais sob direção segura? Isto posto e admitido, quem ousará dizer que Deus criou tudo irracionalmente? Ora, se não é possível nem dizer nem crer nisso com retidão, resta que tudo foi criado com razão, mas o homem não na mesma razão que o cavalo, pois é absurdo supor isso. Assim, cada coisa é criada nas suas razões próprias.

Essas razões, porém, onde devemos julgar que estão, senão na mente mesma do criador? Com efeito, <o criador> não viu algo posto fora dele mesmo, para de acordo com aquilo constituir o que constituiu, pois opinar assim é sacrílego. Ora, se as razões de todas as coisas a serem criadas e já criadas estão contidas na mente divina, e na mente divina nada pode ser senão eterno e imutável, e as razões principais das coisas Platão denomina de ideias, então não somente são ideias, mas são as verdadeiras ideias, porque são eternas e permanecem do mesmo modo e imutáveis. Mediante a participação nelas faz-se com que seja tudo que é, do modo como é.

Mas a alma racional, dentre as coisas que foram criadas por Deus, supera a todas e é a que está mais perto de Deus, quando é pura. E tanto quanto a ele adere pela caridade, banhada, por assim dizer, e iluminada por aquela luz inteligível, enxerga as razões em cuja visão encontrará a felicidade suprema, não pelos olhos do corpo, mas por aquele seu olho principal no qual se sobressai, isto é, por sua inteligência. Razões que, como foi dito, é lícito chamar de ideias, ou de formas ou de espécies ou de razões. A muitos é dado denominar do que aprouver, mas a pouquíssimos é dado ver o que é verdadeiro.